

TABULEIRO DE LETRAS

Variação na Concordância Nominal de Número no Português Popular de Vitória da Conquista - BA: Sócio-História do Português do Brasil

Variation in Nominal Number Concordance in Popular Portuguese of Vitória da Conquista - BA: Socio-History of Brazilian Portuguese

Maria Aparecida de Souza Guimarães¹
Jorge Augusto Alves da Silva²

RESUMO:

Neste artigo, oferecemos uma visão resumida do número nominal de acordo com os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos fornecidos pela variação da Teoria da Mudança e da Linguística proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2008). Foram utilizadas como referência obras bem conhecidas como Scherre (1988), Carvalho (1997), Lopes (2001), entre outras. Este estudo tem o discurso de corpus de 12 informantes que compõem a comunidade de fala de Vitória da Conquista - BA. Desta forma, apresentamos mais evidências sobre a realidade que observamos na "linguagem vernácula conquistense", a fim de contribuir para a construção de uma história social do português popular (inferior ao normal). Os dados mostram que, em relação ao acordo nominal, há uma tendência a adquirir as marcas, sendo, sobretudo, jovens e mulheres a iniciarem esse processo.

Palavras-chave: Português popular, Linguagem vernacular, Vitória da Conquista

ABSTRACT: In this article, we offer a brief-view of nominal number agreement taking the theoretical assumptions and methodological procedures provided by variation of Change Theory and Linguistics proposed by Weinreich, Labov and Herzog (2006) and Labov (2008). We use approaches taken by authors who try to explain the source of differences between standard and substandard nominal agreement and direction of the ongoing linguistic change. Accordingly, well known works such as Scherre (1988), Carvalho (1997), Lopes (2001), among others, were used as reference. This study has the *corpus* speech of 12 informants that make up the speech community of Vitória da Conquista - BA. In this way, we present more evidence about the reality we observe in "conquistense vernacular language" in order to contribute to the construction of a social history of popular (substandard) Portuguese. The data shows that, relative to the nominal agreement, there is a tendency to acquire the marks, being younger and women who initiate this process.

Keywords: Popular Portuguese, Vernacular language

¹ Mestre em Linguística – UESB. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: maparecidaguimaraes@yahoo.com.br.

² Doutor em Letras e Linguística – UFBA. Professor Titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: jorgeaugustodabahia@gmail.com

Introdução

Tomamos como objeto de estudo para este artigo a concordância nominal de número no sintagma nominal de número, objetivando com isso explicar a origem da variação da concordância nominal e o direcionamento da mudança linguística em curso no *corpus* Português Popular em Vitória da Conquista (*corpus* PPVC). Para tanto, partimos da questão: De que forma a sócio-história de uma comunidade [Vitória da Conquista] pode determinar o vernáculo dos falantes, considerando, nesse caso, o fenômeno linguístico da concordância nominal de número no sintagma nominal?

Abordamos, inicialmente, a concordância nominal com vistas à origem do português popular. Posteriormente, apresentamos alguns dados da nossa pesquisa e procedimentos metodológicos, acrescidos da discussão desses dados. Por último, explanamos nossas considerações finais.

A concordância nominal e a origem do português popular do Brasil

Podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que a realidade linguística brasileira espelha-se na realidade histórica e social do Brasil. Nossa sócio-história está marcada, notadamente, por um abismo econômico e cultural, no qual se podem ver marcas de um passado colonial. A origem do português culto estaria ligada a uma elite herdeira dos valores europeus, e a origem do português popular a uma grande massa populacional com cultura predominantemente oral, a qual adquiriu os padrões linguísticos que usa a partir de um contexto sócio-histórico formado por índios de diversas tribos e línguas, negros de várias regiões da África e brancos portugueses de diversas origens e tradições (SILVA, 2005, p. 16).

Isso posto, o estudo que realizamos na comunidade de fala de Vitória da Conquista, por meio do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC), apresenta-se como um dos acréscimos à compreensão da sócio-história do português popular do Brasil, pois “todos esses agentes [brancos, índios remanescentes, africanos e afrodescendentes] postos em um mesmo espaço geográfico criaram relações sociais de coesão a fim de sobreviverem na nova terra” (SILVA, 2005, p. 16). Pesquisas realizadas por Gregory R. Guy (1981), Alan Baxter e Dante Lucchesi (2009) e Norma Lopes (2001) sinalizam para contextos em que a situação sócio-histórica dos utentes do português popular pode explicar

não somente a variação, mas também o “curso da mudança linguística” no Brasil, contrariando a deriva românica.

Além disso, a discussão da origem da concordância variável de número no Português Brasileiro (PB) está ligada ao debate mais amplo do processo de “transmissão linguística irregular” que muito tem contribuído na análise de inúmeras pesquisas relacionadas à origem do PB.

Segundo Lucchesi (2006), o conceito de “transmissão linguística irregular” remete àquelas situações em que uma grande população de adultos falantes de línguas diversas precisa aprender uma segunda língua emergencialmente em situações precárias promovidas num regime de sujeição, como as que ocorreram com a escravização de índios e, sobretudo, de africanos, ao longo dos três primeiros séculos da história do Brasil.

Naro e Scherre (2007), por outro lado, afirmam que a variação na concordância no português falado do Brasil está definitivamente internalizada nas mentes de seus falantes. Nesse momento da língua, segundo os autores, trata-se de uma variação inerente, estruturada em função de aspectos linguísticos e sociais. E, pelo menos em termos de escrita, pode-se levantar a hipótese de a variação não ser específica do português do Brasil. Dessa forma, suscitam o seguinte questionamento: Até que ponto as variações encontradas podem ser interpretadas como um processo de descrioulização?

Lopes (2001, 2008) apresenta algumas respostas para a questão levantada. Mormente, em sua tese de doutoramento, a pesquisadora apresenta raciocínio na linha de Myers-Scotton e Jake (2000) a fim de demonstrar como se dá a aquisição de morfemas. Em relação ao português brasileiro, Lopes (2008) observou que: 1) Os morfemas têm mais marcas de número os núcleos quando estão em 1ª posição no sintagma; 2) A posição à direita do núcleo é altamente desfavorecedora e; 3) Apesar de a posição à esquerda do núcleo ser, sem dúvida, a mais favorecedora de concordância, o elemento de posição anterior não adjacente ao núcleo não é marcado, a exemplo de “no meus estudos”, “o meus filhos”, “tudo aqueles coisas” (LOPES, 2008, p. 21).

Recorrendo ao estudo sistemático feito por Lopes (2001, p. 93), podemos ver que no percurso da aquisição da linguagem “as características dos dados a que a criança tem acesso são de fundamental importância para a definição do ponto final a ser adquirido”. A autora, após exaustiva análise da tipologia dos morfemas proposta por Carol Myers-Scotton e Janice L. Jake (2000), conclui que a concordância feita no nível do SN apresentaria dois tipos de morfemas, ou duas estratégias de representação morfológica:

Nesse sentido, num sintagma nominal do tipo “os meninos”, em “Os meninos saíram”, o morfema de plural “os” é inserido, logo, ele deve ser considerado um *early system*; o “s” de “menino” parece não ser gerado no mesmo momento, pode ser considerado um tipo de *late system*. Essa pode ser a explicação para o morfema de plural –s de os meninos ser registrado com menos frequência em processos de variação, e ser fixado mais tarde em processo de aquisição (LOPES, 2001, p. 98-99).

Para entendermos a pertinência da conclusão de Lopes (2001) é necessário fazer o percurso e nele perceber a pertinaz lógica do raciocínio. A estudiosa lança mão da visão de Myers-Scotton e Jake (2000) para compreender, numa tipologia gradativa, o processo de aquisição de morfemas.

Assim, os morfemas seriam divididos em dois grandes grupos, a saber, os *contente morphemes* e os *system morphemes*, assim traduzidos, morfemas de conteúdo e morfemas sistêmicos. Os morfemas de conteúdo seriam adquiridos em primeiro lugar, já que comportariam mais traços semântico-pragmáticos: substantivos, adjetivos e verbos. Em relação aos morfemas sistêmicos, seriam de três naturezas: os *early system morphemes*, os *bridge system morphemes* e os *outsider system morphemes*.³ Tais morfemas, ao contrário dos morfemas de conteúdo, são indiretamente eleitos e estão ligados à intenção discursivo-conceptual dos falantes: são elementos da estrutura funcional, portanto, elementos sistêmicos.

Analisando o exemplo de Lopes (2001), “os” conteria a ideia de “definitude” de “meninos” e seriam definidos mais “mais cedo” no momento em que se dá a seleção dos morfemas de conteúdo. No entanto, a seleção do –s de “meninos” se daria de outro modo, pois o morfema de plural cumpriria apenas o papel de uma “orientação gramatical, a concordância” (p. 97). Tal situação explicaria, tanto na análise de Lopes (2001) quanto na nossa, a frequência de marcação do primeiro elemento, bem como a frequência de apagamento do núcleo do SN.

Em outros termos, no que tange ao nosso escopo, podemos observar que as marcas de plural do SN seriam incorporadas à gramática⁴ da criança após a sedimentação dos substantivos e dos adjetivos. Seguindo a linha de raciocínio de Lopes (2001), podemos

³São tratados como *early system morphemes* – os morfemas de plural nos nomes quando são os primeiros ou os únicos elementos pluralizáveis do sintagma ou aqueles em elementos anteriores imediatamente ao nome. Os *bridge system morphemes* são todos os outros morfemas de plural do sintagma, pois eles são pluralizáveis apenas para cumprir orientação gramatical e os *outsider system morphemes* são caracterizados como os morfemas que dependem de informação gramatical fora do sintagma em que eles ocorrem (LOPES, 2001, p. 97).

⁴ Lopes (2001, p. 92) assevera: “Lightfoot (1999) defende que a gramática é uma entidade individual e que as pessoas desenvolvem gramáticas, que são representadas nas suas mentes e que caracterizam seu conhecimento linguístico”.

afirmar que no caso do português popular, em que verificamos maior frequência no uso de plural no primeiro elemento do sintagma, o fenômeno de número se dá pela confluência de dois processos morfológicos: o dos *bridge late systems morphemes* e dos *early system morphemes*; ademais, considerando ainda que, no caso da concordância, os elementos pluralizáveis cumprem uma orientação gramatical, podemos concordar com Lopes:

[...] Analisando a forma apresentada por Myers-Scotton e Jake (2000a, 2000b), o presente trabalho considera, pois, que a morfologia referente à concordância dentro do sintagma nominal, no português, estaria ora entre os *early system morphemes*, ora estaria se comportando como os *late system morphemes* (LOPES, 2001, p. 98).

Lopes (2008) não é voz única no tratamento da questão, pois Anna Jon-And⁵ (2010) recorre à pesquisa de aquisição de estruturas para explicar os fenômenos observados na variedade do Português de Moçambique. Lembra bem a pesquisadora que:

Concordância variável significa que as regras de concordância do português padrão (PP) – sendo esse definido de acordo com as normas de gramáticas prescritivas, normas ensinadas na escola – são aplicadas em algumas ocasiões e em outras não (JON-AND, 2010, p. 28).

Em relação ao Português de Moçambique, segundo Jon-And (2010), há três variáveis que influenciam a concordância de número no SN, quais sejam: “1) Idade de início de aquisição de português; 2) Idade e; 3) Posição em relação ao núcleo / posição linear”. Jon-And (2010) discute os resultados dessas variáveis e destaca os resultados da terceira variável, no caso a Posição em relação ao núcleo / posição linear, comparados com os resultados de outros estudos sobre concordância de número no SN realizados no Brasil, em São Tomé e em Cabo Verde.

Assim posto, teríamos duas posições polarizadas: a que postula a variação no SN como decorrência da deriva românica e aquela que procura na formação histórica e social do Brasil razões não apenas para a variação, mas do mesmo modo para o mecanismo de mudança que ora pode ser verificado no Português do Brasil.

⁵ Jon-And (2010), Universidade de Estocolmo, em um artigo intitulado **Concordância variável de número no SN no português L2 de Moçambique – algumas explicações sociais e linguísticas**, tendo como objetivo investigar, de forma quantitativa, a concordância de número no sintagma nominal (SN) no português popular falado em Maputo, Moçambique (PM), variedade de português L2, com falantes que têm línguas bantu de Moçambique como L1 conclui que: “Concordância variável significa que as regras de concordância do português padrão são aplicadas em algumas ocasiões e em outra não” (JON-AND, 2010).

Nossos dados e procedimentos metodológicos

A variação na concordância nominal de número é considerada, em nosso estudo, como variável dependente, assim tratada no processo de quantificação dos dados.

Para fins de estudo linguístico, a literatura contempla duas abordagens: uma sintagmática e outra mórfica (também chamada atomística).

Na perspectiva da análise mórfica⁶, a qual assumimos em nosso estudo, o pesquisador interessa-se por estudar os elementos constituintes da estruturação sintagmática nominal, a fim de descortinar quais condicionantes estariam agindo para a realização da concordância (entendida como “solidariedade” entre os constituintes). No mencionado estudo são consideradas importantes as posições dos determinantes na ordem do constituinte, sua posição em relação ao núcleo e o comportamento de estruturas, tais como os modificadores na ordem sintagmática. Além disso, não se deve olvidar a classe gramatical do constituinte, nem a natureza da diferenciação entre o singular e o plural (a saliência fônica), procurando se verificar, também a presença de marcas em relação ao elemento nominal analisado.

Nesse sentido, tal abordagem procura analisar todos os constituintes flexionáveis dos SN encontrados nas amostras de fala, objetivando descrever e analisar quais variáveis atuam especificamente sobre cada elemento do SN, determinando assim a “solidariedade” entre os constituintes (SCHERRE, 1988, p. 61).

A variável dependente, fenômeno linguístico em análise, define-se pela marcação, em nosso estudo, do plural em cada constituinte do SN, sendo que esta pode se apresentar como marcada e não marcada, conforme exemplos:

(+) plural marcado: Exemplos - “a gente ia vender limão ESSAS coisaS” (WSO).

(-) plural marcado: Exemplos - “só ficava os FILHO” (MJPS).

Seguindo a perspectiva mórfica ou atomística, submetemos as ocorrências à análise dos seguintes fatores condicionantes:

⁶A opção pelo tratamento dos dados pela perspectiva mórfica ou atomística nada tem a ver com a escolha por um melhor caminho explicativo. A escolha fez-se pelo recorte necessário para se alcançar os objetivos de uma dissertação de mestrado. Nesse sentido, a escolha se fez por delimitações necessárias aos fins de estudo.

a) Posição linear do constituinte; b) Posição do constituinte com referência ao núcleo do SN; c) Classe gramatical do constituinte; d) Saliência fônica.

Em relação aos condicionamentos sociais, ou variáveis sociais, consideramos no âmbito de nossa análise os seguintes fatores: a) Faixa etária; b) Sexo (ou gênero); c) Estada fora da comunidade; d) Nível de letramento; e) Exposição à mídia⁷.

Ressaltamos que os dados estatísticos não podem ser tratados, no conjunto das ciências humanas, como verdades absolutas, mas como fatos interpretáveis e submetidos ao crivo do pesquisador. Os números, embora eloquentes, não se afiguram absolutos em demonstrar as realidades linguísticas (sociais) que devem ser postas em contínua análise e questionamento dos cientistas que lidam com a sócio-história das línguas.

Nesse sentido, após extrairmos do *corpus* do PPVC 2.979⁸ ocorrências de estruturas pluralizáveis, submetemos os dados codificados ao Programa Estatístico GOLDVARB. Foi encontrado um total de 2.979 ocorrências, das quais, numa análise mórfica, 1.708 – o equivalente a 57,3% – apresentaram marcas de concordância; enquanto 1.271 – ou seja, 42,7% – não apresentaram marcas de concordância entre os elementos formadores do sintagma nominal. O nível de confiabilidade da análise estatística foi de 0,08 (com *input* de 0.850).

Na tabela 1 apresentam-se de forma esquemática os resultados obtidos.

Tabela 1 – Variável dependente: Concordância nominal de número

Concordância Nominal	Ocorrências	Percentual
Com marcas de Plural	1.708/2.979	57,3%
Sem marcas de Plural	1.271/2.979	42,7%
Total de Ocorrências	2.979	

Fonte: Elaborado pelos autores (s/d).

Assim, partindo de uma análise mórfica, isto é, considerando-se os constituintes imediatos e o grau de adjacência, constatamos que há uma tendência à marcação dos elementos pluralizáveis em 57,3%. É, portanto, uma realidade que se assemelha a estudos realizados por outros pesquisadores, tais como Martins (2013), cuja tese intitulada **Variação na concordância nominal de número na fala de habitantes do Alto Solimões**

⁷ Os condicionantes “Estada fora da comunidade” e “Exposição à mídia” não foram selecionados pelo Programa Estatístico GOLDVARB.

⁸ Foram excluídas as ocorrências formadas por locuções prepositivas (às duas), seguindo orientação de Scherre (1988), bem como as ocorrências em que a tradição faculta o uso do plural ou do singular (um tanto de menino/meninos). Além disso, não foram considerados os casos em que o núcleo do SN é invariáveis (ônibus).

(Amazonas)⁹ encontra-se como um dos mais recentes estudos sociolinguísticos realizados sobre o tema. Observamos que a pesquisadora desenvolveu seu estudo com amostra de fala de moradores de centros urbanos de médio porte, tal qual a realidade que vivenciamos em Vitória da Conquista.

Martins (2013) realizou entrevistas, seguindo a metodologia norteadora do estudo que agora apresentamos. Na referida pesquisa, das entrevistas realizadas foram retiradas 7.270 ocorrências de estruturas linguísticas, dentre as quais 4.458 apresentavam marcas explícitas de plural. Submetendo-se os dados ao programa estatístico GOLDVARB 2001, chegou-se ao percentual de 58% de estruturas com marcas de plural no SN e 42% de estruturas em que as marcas não foram verificadas, isto é, “ausência de marcas formais/informais de plural”.

Em nossa pesquisa, quanto à variável dependente, no total de 2.979 ocorrências, encontramos 1.708 marcas de plural, equivalendo a 57,3% e 1.271, sem marcas de plural, o que equivale a 42,7% com um resultado um tanto próximo à pesquisa nos municípios amazonenses.

Em pesquisa, nos moldes labovianos, Andrade (2003), com base em *corpus* do Português Afro-Brasileiro, analisou a frequência da marca de plural em cada item do SN de falantes da comunidade de Helvécia (BA). Das 2.893 ocorrências analisadas por Andrade, 55% não apresentaram as marcas de concordância no SN, isto é, em um total de 2.893 ocorrências, 1.310 apresentam concordância, 45%, e 1.583/2.893, 55% não apresentaram concordância. Andrade (2003) justifica os dados encontrados com base na “Transmissão Linguística Irregular” (LUCCHESI, 2000), mostrando evidências que remontam para um passado em que as marcas de concordância tendiam a ser menores e que a aquisição das marcas é uma realidade própria da alteração do *status quo* da comunidade, entendida como a abertura da comunidade a normas adventícias.

Se considerarmos um *continuum* de variação, podemos perceber que as duas realidades expostas *vis-à-vis* espelham os núcleos populacionais urbanos (MARTINS, 2013) e rurais (ANDRADE, 2003), em que o aparato urbanizador faz-se, hodiernamente, em maior ou menor intensidade. A profusão dos contatos sociais é uma das características do processo de urbanização, expondo os falantes à norma de prestígio. No caso de Vitória da Conquista, podemos ver que a urbanização ocorre de forma gradual, atingindo aos poucos os moradores de bairros periféricos.

⁹ Composição de amostra constituída por meio da realização de entrevistas com 57 informantes em cinco das nove localidades pertencentes à microrregião do alto Solimões, quais sejam, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e Fonte Boa.

Discussão dos dados

Em nossa pesquisas, constatamos que os falantes mais jovens tendem a apresentar mais marcas de concordância do que os falantes mais velhos. O peso relativo demonstra, portanto, uma tendência à aquisição das marcas, comprovando que o imperativo da urbanidade altera não apenas o quadro socioeconômico de uma comunidade, mas também os padrões linguísticos.

Isso posto, podemos reconhecer que a sócio-história de uma comunidade pode explicar as alterações linguísticas pelas quais ela vem passando. No caso de Vitória da Conquista, estamos observando um quadro em que o aparato urbanizador altera, lentamente, o vernáculo dos falantes do Português Popular.

Com o propósito de uma melhor visualização, apresentamos a tabela 2.

Tabela 2 – Variável Faixa Etária

	Ocorrências	Percentual	Peso Relativo
Faixa I	499/837	59,6%	0.58
Faixa II	683/1213	56,3%	0.41
Faixa III	526/929	56,6%	0.53

Fonte: Elaborado pelos autores (s/d)

Os nossos dados assinalam para uma situação de aquisição de marcas de concordância no SN, demonstrando que os mais jovens tendem a se aproximar da norma culta da língua portuguesa falada no Brasil, contrariando assim a deriva românica que levaria a um processo de simplificação.

Silva (2005), ao interpretar estudos desenvolvidos a partir de 1993 por Baxter e Lucchesi (2009), mostra que esses autores vêm apresentando evidências a favor do contato entre línguas na formação do português popular do Brasil, justificadas pela rejeição das concepções imanentistas, nas quais a origem das alterações verificadas no português popular é vista como mera ação das forças inerentes ao sistema e já pré-determinadas pela índole da língua portuguesa.

Além da defesa à origem do português popular como um produto do contato entre línguas, aponta ainda que esses autores veem que, por influxo da urbanização e seus derivados, está ocorrendo um processo de eliminação das marcas decorrentes do processo de “transmissão linguística irregular” desencadeado nas situações de contato em que as variedades populares do português brasileiro se originaram, sobretudo, no interior do país

(SILVA, 2005, p. 90). É nessa perspectiva que explicamos os resultados encontrados em nossa pesquisa, que incidem para maior aplicação da regra de concordância entre os mais jovens, bem como as mulheres, de acordo com tabela abaixo, considerando que tais agregados estão passando por transformações sociais e culturais advindas do *continuum* processo de urbanização de Vitória da Conquista, interior do estado da Bahia.

Tabela 3 – A aplicação da regra concordância nominal de número na variável sexo

	Ocorrência	Percentual	Peso Relativo
Mulheres	940/1539	61,1%	0.57
Homens	768/1440	53,3%	0.41
Total	1708/2979		

Fonte: Elaborado pelos autores (s/d)

A proposta da teoria da deriva, de algum modo, nega os princípios daqueles que defendem os fundamentos da “transmissão linguística irregular”, dada a interpretação sócio-histórica desta. Sumariamente, vale lembrar que a teoria da deriva é consolidada no âmbito da compreensão da mudança linguística, surgida no estruturalismo. De acordo com Araújo (2014), a proposta da teoria da deriva surgiu com o americano Sapir (1954 [1920]), linguista que retoma o interesse pela mudança linguística, tema central da linguística do século XIX.

Essa teoria sustenta a autonomia das estruturas linguísticas e a subjetividade da língua, sob o aspecto do indivíduo, assim depreendida: “[...] a deriva de uma língua consta da seleção inconsciente feita pelos que falam, das variações individuais que acumulam numa dada direção” (SAPIR, 1954 [1920], p. 124 apud ARAÚJO, 2014, p. 80).

A fim de controlarmos o nível de letramento numa pesquisa cujo recorte é o português popular, trilhando o percurso das recentes abordagens das ciências neurológicas que tratam da escrita/leitura,¹⁰ propusemos três fatores: 1 a 2 anos;¹¹ 3 a 4 anos e; 5 anos.

Segundo Leffa (1996), o espaço cerebral responsável por armazenar dados de leitura/escrita corresponde ao aperfeiçoamento da tendência inata de apreender e reconhecer imagens. Nesse sentido, ler e escrever seria, na verdade, um aporte neuronal que resultaria no desenvolvimento de uma habilidade inata. Tal aporte traria ampliação vocabular e capacidade de manejar estruturas dentro das regras fonotáticas da língua, bem como das regras morfossintáticas. Isso posto, os anos de contato com atividades de letramento estariam dando

¹⁰ Para fazermos tal percurso, seguimos os caminhos sugeridos por Dehaene (2012) e Leffa (1996).

¹¹ Não foram encontrados informantes que não tenham se submetido a, pelo menos, um ano de escolaridade, graças aos inúmeros projetos públicos em favor do letramento das classes populares.

ao falante uma possibilidade de aproximação de estruturas que seriam incorporadas a seu vernáculo.

Nesse sentido, o contato com outros grupos e a modificação do entorno social são elementos coadjuvantes no processo de aquisição de uma outra norma. No caso dos falantes do português popular, cremos que, ao entrarem em contato com a norma de prestígio, haja uma alteração lenta e gradual em seu vernáculo, notadamente marcado por um nível menor de letramento (alguns dos informantes contam que seus pais não tinham “leitura”).

Os dados de nossa pesquisa demonstram que a quantidade de anos de letramento influencia a alteração das estruturas usadas na realização da concordância nominal, conforme podemos observar na tabela 4:

Tabela 4 – Aplicação da regra concordância nominal de número na variável nível de letramento.

Anos de letramento	Ocorrências	Percentual	Peso Relativo
1 a 2 anos	896/1589	56%	.44
3 a 4 anos	255/458	55,7%	.49
5 anos	557/932	59,8%	.59

Fonte: Elaborado pelos autores (s/d)

A partir dos dados, podemos perceber que há uma tendência à concordância, se comparamos o aumento dos anos de letramento, considerando o peso relativo.

É necessário frisar que os anos de letramento trazem, além do contato com outras normas, uma ampliação de perspectivas de vida econômico-social, já que o grau de escolaridade há de marcar a escolha das profissões.

Considerações Finais

Podemos reconhecer, no Brasil, a existência de duas realidades linguísticas bipolarizadas: de um lado a norma culta e de outro a norma vernácula ou popular. Escrever a história do português do Brasil exige que busquemos retratar essas duas vertentes, procurando nelas a origem e o percurso de sua formação. Neste trabalho, discutimos a concordância nominal de número no SN no vernáculo de moradores naturais de Vitória da Conquista, apresentando uma análise atomística ou mórfica, considerando o fenômeno como variável.

Dado o recorte às variáveis sociais, pudemos perceber que as mulheres e os mais jovens tendem a aplicar mais a regra de concordância. A tendência de aplicação da regra verificada na população de Faixa I no *corpus* demonstra que a mudança em curso é um processo decorrente da ampliação de horizontes desse grupo, pois ele está mais em contato com os grupos externos e sente a pressão que deles procede, no sentido de se adaptarem à vida urbana. Além disso, tais grupos são os mais atingidos pelos meios de comunicação, pela televisão e pelo rádio, veículos que imprimem valores diferentes dos estabelecidos pelo ambiente familiar ou pelo círculo de relações.

Nesse contexto de aquisição de marcas, buscamos explicar a efetivação da concordância nominal de número no sintagma nominal no Português Popular do Brasil na comunidade de fala de Vitória da Conquista.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. **Um fragmento da constituição sócio-histórica do Português do Brasil: variação na concordância nominal de número num dialeto afro-brasileiro**. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – UFBA, Salvador, 2003.

ARAÚJO, S. S. de F. Sociolinguística e sócio-história do português falado em Feira de Santana. In: LOPES, N.S.; BULHÕES, Lígia P.L.; CARVALHO, Cristina S. **Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro**. Sociolinguística paramétrica e sociofuncionalismo. Feira de Santana: Editora UEFS, 2013.

BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Estudos linguísticos e literários**, n. 19, p. 65-84, mar. 2009.

CARVALHO, H. M. **Concordância nominal: uma análise variacionista**. 1997. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 1997.

GUY, Gregory. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history**. 1981. 391 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade da Universidade de Pensilvânia, Pensilvânia, 1981.

JON-AND, A. Concordância de número no SN no português L2 de Moçambique – algumas explicações sociais e linguísticas. **Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola**, v. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.umac.mo/FSH/ciela/rcblpe/doc/concordancia%20Mocambique.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, N. da S. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. 2001. 408 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – UFBA, Salvador, 2001.

LUCCHESI, D. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

_____. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, dez. 2006.

MARTINS, F. **Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões(Amazonas)**. 2013. 309 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SILVA, J. A. A. da. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado de Bahia**. 2005. 323 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em: 13 de agosto de 2016.
Aceito em: 20 de novembro de 2016.